

Controle continua sem solução

O temor internacional era de que tal desvalorização tivesse devastadores efeitos na América Latina, agravando ao mesmo tempo a perturbação econômica em outros mercados mundiais, inclusive nos EUA. A participação americana de US\$ 5 bilhões verá do mesmo fundo que em 1995 ajudou a socorrer o México e este ano a Coreia do Sul e a Indonésia.

Mas ao contrário das operações anteriores, o pacote do Brasil levou meses para ser montado e negociado. E com isso o total teve de ser aumentado, em parte para que os mercados não ficassem desapontados. Autoridades envolvidas deixaram claro ser indispensável que o total dos empréstimos previstos superasse a expectativa do mercado.

Embora a parte do FMI fosse

conhecida desde outubro, o total dos EUA e outros países ricos foi tema das últimas conversações em Washington e na Suíça. Aparentemente ainda ficou sem uma solução o pedido brasileiro de um crédito - ao invés de empréstimo - que não exigira a utilização total e nem imporia tanto controle do FMI sobre os gastos do Brasil.

O "New York Times" disse ontem que não haverá contribuições diretas de bancos privados e outros grandes emprestadores americanos do Brasil, que vai ser um dos maiores beneficiários de planos de estabilização econômica. Mas se espera que, sob a pressão de Washington, eles mantenham ou ampliem o crédito que têm dado ao Brasil desde a crise russa de agosto. (A.F.)